

Patrimônio, memória, identidade e turismo cultural: um estudo sobre o Memorial da Cabanagem, Belém/PA

Victória Cecília Elsie Oliveira Dantas de Feitosa¹
Raul Ivan Raiol de Campos²



RESUMO

Este artigo refere-se a análise acerca do Memorial da Cabanagem e sua relação com a população, envolvendo questões patrimoniais, de identidade, memória e turismo, visto o quanto o turismo pode colaborar para a preservação e conservação de um patrimônio. Teve como objetivo refletir acerca dos problemas que envolvem o Memorial da Cabanagem. Para isso, foram feitas pesquisas para levantamento de dados sobre o local e análise da relação da população do entorno com o Memorial. Para coleta de dados em campo, foram elaborados formulários com perguntas abertas e fechadas que foram aplicados no bairro da Marambaia, Belém - PA. Verificou-se que apesar de os entrevistados conhecerem o Memorial, não sabem o seu significado. A partir disso, conclui-se que, embora haja uma aparente relação entre o patrimônio e a população entrevistada, de fato, não há, pois reconhecem o Monumento, mas não o que ele representa.

Palavras-chave: Memorial da Cabanagem. Patrimônio. Identidade. Memória. Turismo Cultural.

1 Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Pará. E-mail: victoria.feitosa18@gmail.com.

2 Professor da Faculdade de Turismo (UFPA). Bacharel em Turismo (UFPA). Mestre em Museum Studies (CCAS/GWU). Doutor em Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA). E-mail: raulcampos@ufpa.br.

ABSTRACT

This article refers to the analysis of the Memorial of Cabanagem and its relationship with the population, involving heritage, identity, memory and tourism issues, considering how much tourism can contribute to the preservation and conservation of a heritage. It aimed to reflect on the problems surrounding the Memorial of Cabanagem. For this, a research was carried out to collect data on the site and analyses on the relationship of the surrounding population with the Memorial. For data collection in the field, forms with open and closed questions were applied in the neighborhood of Marambaia, Belém - PA. It was found that, although the interviewees know the Memorial, they do not know its meaning. From this, it is concluded that, although there is an apparent relationship between the heritage and the interviewed population, in fact, there is not, because they recognize the Monument, but not what it represents.

Keywords: Memorial of the Cabanagem. Heritage. Identity. Memory. Cultural Tourism.

INTRODUÇÃO

A Cabanagem foi a mais importante revolução popular da Amazônia e uma das mais significativas do Brasil. Ocorreu no período de 1835-1840, na província do Grão-Pará logo após a proclamação da independência, devido à insatisfação da população que vivia em péssimas condições e abandonada pelo governo central (DI PAOLO, 1985). O Memorial da Cabanagem foi inaugurado em 7 de janeiro de 1985 em comemoração aos 150 anos da Cabanagem, com o objetivo de representar a luta heroica do povo cabano (CARMO; FARIA NETO, 2015).

A razão pela qual o Memorial da Cabanagem foi escolhido como lócus para esta pesquisa se deve à relevância do monumento no que diz respeito ao seu significado para a história do Pará e do Brasil. Mesmo assim, durante anos esteve em estado de total abandono. E, além disso, é um monumento que fora edificado com o intuito de preservar a memória de um marco histórico significativo e conter nele um museu que contribui para o relato dessa história, sendo propício à visita, porém o espaço permaneceu fechado e deteriorado por muitos anos, sendo reaberto em 30/12/2019. Entretanto, esta pesquisa foi realizada antes do período da reabertura e reflete a situação de abandono e a relação da população do entorno com o Memorial da Cabanagem nesse período.

Este trabalho partiu do seguinte questionamento: quais são os problemas em relação ao Patrimônio, Memória, Identidade e Turismo envolvendo o Memorial da Cabanagem? Partiu-se das hipóteses que a população belenense não se identifica com a cabanagem; não há interesse de quem detém o poder em conservar o patrimônio que representa um movimento popular; o Memorial não é visto pela sociedade como os outros patrimônios da cidade. O objetivo geral deste trabalho foi refletir acerca dos problemas que envolvem o Memorial da Cabanagem, com foco nas questões patrimoniais, identitárias e turísticas.

Esta pesquisa configura-se em quali-quantitativa que, de acordo com Minayo (2001), é uma abordagem que pode abranger melhor a realidade de forma dinâmica, pois se complementam. Inicialmente, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais a fim de compilar informações sobre os temas que foram abordados, como patrimônio, monumento, identidade, memória, turismo cultural, a história da Cabanagem e sobre o Memorial da Cabanagem.

O instrumento para coleta de dados consistiu em um formulário de perguntas abertas e fechadas que foi aplicado em 43 ruas do bairro da Marambaia, com o objetivo de conhecer a população que reside nas proximidades do Memorial da Cabanagem e, principalmente, a relação desta população com o Memorial. Para isso, foram feitas perguntas a respeito da situação socioeconômica e o conhecimento dos moradores que residem no bairro, sobre os Patrimônios da cidade de Belém/PA e sobre o Memorial da Cabanagem.

O número total de moradores que responderam à esta pesquisa, dentre os que foram abordados em suas casas, os que transitavam pelas ruas e os que estavam em estabelecimentos comerciais, foi de 660, que configura 1% da população do bairro com um total de 66.708 mil habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), seguindo os critérios de idade acima de 18 anos e residir no bairro mencionado. A pesquisa de campo foi realizada no período de 03 a 25 maio de 2019.

A CABANAGEM

A Cabanagem foi a mais importante revolução popular da Amazônia e uma das mais significativas do Brasil. O nome “Cabanagem” faz uma referência às pequenas cabanas de palha e madeira na qual viviam os caboclos daquela época e onde ainda vivem muitos ribeirinhos atualmente (PINA, 2008). Ocorreu na Amazônia brasileira, logo após a proclamação da independência, entre 1835 e 1840, devido à insatisfação da população que vivia em péssimas condições e abandonada pelo governo central, juntamente com os comerciantes e fazendeiros da região que estavam descontentes com o presidente nomeado pelo governo (DI PAOLO, 1990).

Com o início do período regencial, o Brasil passou por uma grave crise política, resultado da disputa pelo comando do governo entre grupos que defendiam a volta de D. Pedro I ao poder, grupos que lutavam pela continuação da Monarquia e os que ansiavam por reformas políticas e mais igualdade social. Além de diversas revoltas motivadas pelo anseio de mais direitos políticos e sociais inerentes à Independência (DI PAOLO, 1990).

Antes da chegada dos portugueses à Amazônia, a população indígena já vinha de uma série de lutas em defesa de seu território. No entanto, as questões territoriais, culturais, políticas e de poder foram tornando-se, ainda mais, difíceis quando os portugueses se estabeleceram na região. Com o crescimento populacional, aos poucos, a luta que antes era exclusivamente indígena, tornou-se uma luta popular que abrangia, além de índios e mestiços, também africanos escravos e europeus semi-livres, que tinham como objetivo lutar pela independência política e social, transformando o movimento em um marco histórico, pois, pela primeira vez, todos estavam levantando a mesma bandeira da brasilidade (DI PAOLO, 1990).

Após o fim do movimento cabano, com o passar dos anos, surgiram estudos sobre a Cabanagem que começam a ganhar outros sentidos. “Houve quem o percebesse como uma guerra de Independência tardia, ou mesmo como um movimento nacionalista” (RICCI, 2006, p. 8). O precursor de tais estudos foi Domingos Raiol, também conhecido como Barão de Guajará, com sua obra intitulada “Motins Políticos” (1865 – 1890) que, como o próprio nome sugere, denominava a Cabanagem como um “motim” (CUNHA, 2010).

Essa característica que Raiol atribuiu ao governo foi devido à “[...] omissão inicial das autoridades imperiais na Amazônia e seu pulso firme na repressão ao movimento em 1835” (RICCI, 2006, p.8). Com esta interpretação, a Cabanagem foi caracterizada como um levante de caráter regional, “[...] que deveria ser compreendido dentro dos ditames da formação da justiça e da organização social e política imperial” (RICCI, 2006, p. 8), ou seja, muito menor e menos significativo no que diz respeito à sua representatividade. Neste contexto, a transição de interpretação ocorre a partir do momento em que os cabanos deixam de ser vistos como “malvados” e passam a ganhar o título de “patriotas”, isto é, os que defendem a “causa brasileira” (RICCI, 2006).

A Cabanagem recebeu o título de Revolução por vários estudiosos da área e, de fato, foi. Afinal, provocou mudanças políticas e sociais positivas que refletem na Amazônia até os dias de hoje. A luta armada acabou, os cabanos morreram, mas o ideal revolucionário cabano permanece vivo.

Apesar dos altos e baixos, fragilidades e adversidades, a Cabanagem assume um papel de grande relevância para a história do Pará e do Brasil. E que, de modo algum, pode resumir-se a uma simples revolta popular. Tendo em vista que os cabanos possuíam objetivos claros e

específicos, não negociaram os seus direitos e não pouparam as suas vidas, mas constituíram uma luta legítima em favor de uma sociedade mais justa.

MEMORIAL DA CABANAGEM

O Memorial da Cabanagem foi edificado em comemoração aos 150 anos da Cabanagem e inaugurado no dia 7 de janeiro de 1985, a pedido do, então, governador do estado Jader Barbalho. O Monumento está localizado no Complexo Viário do Entroncamento, um dos principais pontos de entrada e saída da cidade de Belém/PA, foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, sendo a única obra do arquiteto em toda região norte (CARMO; FARIA NETO, 2015). A obra tem como objetivo representar a luta heroica do povo cabano. Foi feita de concreto, possui 15 metros de altura e 20 metros de comprimento, com a rampa elevada em direção ao firmamento.

O Memorial é um complexo arquitetônico composto de um monumento, que em seu interior encontrava-se um painel com montagens de algumas notícias de jornais relatando a construção do Memorial; de um museu criado para abrigar os restos mortais dos cinco maiores líderes cabanos: Eduardo Angelim, Cônego Batista Campos, Francisco Vinagre, Antônio Vinagre e Félix Clemente Malcher, também, havia uma maquete de Belém na época da Cabanagem (CARMO; FARIA NETO, 2015).

Poucos anos após a inauguração o Memorial já não era utilizado com o objetivo pelo qual ele fora construído, tornando-se abrigo para moradores de rua e alvo de pichações, depredações e acúmulo de lixo (CARMO; FARIA NETO, 2015). Em 1997, doze anos após a sua inauguração, o Memorial recebeu a primeira restauração, na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, e desde então “[...] o monumento foi gradativamente reassumindo seu estado de subutilização e depredação” (CARMO; FARIA NETO, 2015, p. 3).

Posteriormente, em 2006, a Prefeitura de Belém deu início às obras do projeto viário do Entroncamento. O projeto tinha como objetivo melhorar o acesso de Belém às regiões metropolitanas, por meio de um túnel. Esse túnel passaria por cima da Praça Memorial e “[...] abrigaria três óculos para a superfície, que, desde já, modificavam a paisagem do lugar” (CARMO; FARIA NETO, 2015, p. 4).

Além do túnel, foram construídas três passarelas para pedestres que davam acesso da população para o Memorial. Esta construção tinha o intuito de “[...] retomar o laço entre o espaço e a população, porém a construção acentuou a criminalidade do local, que se tornou ainda mais propícia a assaltos e ao narcotráfico” (CARMO; FARIA NETO, 2015, p. 4).

Em seguida, outro projeto foi apresentado pela prefeitura. Dessa vez, para a construção do Elevado do Complexo Viário do Entroncamento. Com isso, as passarelas que haviam sido construídas tiveram que ser retiradas em detrimento das vias elevadas, impedindo, assim, o acesso ao local, o que resultou no completo abandono do espaço (CARMO; FARIA NETO, 2015).

Durante os últimos anos, os jornais locais noticiaram diversos acontecimentos devido ao abandono do Memorial, como em março de 2016, quando foi encontrado o corpo de um homem morto no local e que, segundo a reportagem, seria de um morador de rua que habitava no espaço (CORPO..., 2016), e em junho de 2017 quando um sofá foi visto no monumento, posto pelos moradores de rua que habitam no local (ABANDONADO..., 2017).

O Memorial da Cabanagem é a materialização de um momento de grande relevância da história e que constitui a identidade do povo paraense. No entanto, o espaço esteve, até a recente reforma e reinauguração do dia 30/12/2019, em total abandono, depredado e marginalizado. Pode-se atribuir o abandono do Memorial à construção do complexo viário e rodoviário no entorno que acentuou os problemas de subutilização, disfunção e marginalização, sem nenhum posicionamento por parte do governo do estado para restaurar o Memorial e reaproximá-lo da população. Também, foi solicitada uma entrevista com representante da Secretaria Estadual de Cultural (SECULT) para falar sobre a situação do Memorial, mas foi negada.

O Memorial da Cabanagem é um monumento, pois foi edificado com o intuito de rememorar o movimento cabano. O termo monumento vem do Latim *monumentum*, que deriva que *monere*, que significa lembrar (CHOAY, 2001). Monumento é “[..] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p.18). Portanto, o Memorial da Cabanagem foi criado intencionalmente, pensado a priori. Foi criado para servir como memória ao movimento cabano. Ele difere de um monumento histórico, que segundo Choay (2011) é visto não como um artefato intencional, mas uma escolha, dentre as construções já existentes, devido à sua importância histórica.

PATRIMÔNIO CULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Ao longo dos séculos, o sentido, o valor e a representatividade do patrimônio para a sociedade passaram por alterações (POULOT, 2012). Inicialmente, o sentido de patrimônio estava relacionado às estruturas familiares, a algo individual. Somente a partir do século XVIII, na França surge a ideia de patrimônio coletivo, um bem comum a um grupo social, com o intuito de caracterizar sua identidade, portanto, devendo ser preservado por todos (SANTOS, 2001 apud BABELON; CHASTEL, 1994).

Ainda sobre essa transição de sentidos e valores, Santos (2001, p. 43) afirma que “o patrimônio foi deixando de ser simplesmente herdado para ser estudado, discutido e até reivindicado”. Choay (2001), também, atribui a preocupação com as questões históricas e culturais a partir do momento em que a noção de patrimônio, monumento e preservação se tornam importantes referências identitárias.

O patrimônio é um fenômeno social e suas construções são um modo de tratar o passado. Esse fenômeno sofreu diversas mudanças com o passar do tempo e, em cada momento apresentou um sentido em seu meio. Com isso, o patrimônio, seja material ou imaterial, espontâneo ou propositadamente edificado, vai além do que se pode contemplar, pois é a representação da identidade de uma sociedade (POULOT, 2012).

A noção de patrimônio não deve reduzir-se à objetos, edificações e bens materiais de modo geral, visto que o patrimônio, também, é resultado de uma série de processos sociais (CHOAY, 2001). E a preservação de um patrimônio não significa apenas em manter edificações ou objetos antigos, mas preservar o seu significado, a importância histórica de um passado que explica o presente (TOMAZ, 2010).

Ao se falar de patrimônio material, pode-se afirmar que o olhar do ser humano moderno para os bens patrimoniais materiais antigos, costuma ser bastante equivocado. Esses patrimônios

são vistos como ultrapassados e que, ao invés de preservá-los devem ser substituídos por construções mais modernas. No entanto, para que a memória de um povo se mantenha viva, é necessário que os espaços e manifestações sejam preservados, afinal, expressam o modo de viver de um povo (TOMAZ, 2010).

Apesar de a memória ser compreendida comumente como um fenômeno individual, Halbwachs (1990) afirma que ela deve ser compreendida também, como um fenômeno coletivo e social. A memória individual é “[...] um ponto de vista sobre a memória coletiva [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 33), pois embora cada indivíduo possua suas próprias lembranças, elas são construídas a partir das relações sociais de um grupo e reproduzida ao longo do tempo.

Ainda em relação à função social da memória, Bosi (1994), também, defende esta colocação ao afirmar que muitas das lembranças pessoais são inspiradas em conversas em grupos, pois são as relações sociais que dão suporte à memória. Pollak (1992) aponta os elementos que constituem a memória individual e coletiva. Em primeiro lugar define que são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar o que o autor apresenta como acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo a qual o indivíduo pertence.

Além destes mencionados acima, a memória é constituída por personagens. Podendo aplicar a mesma linha de raciocínio e dividir em personagens realmente encontradas ao longo da vida, personagens frequentadas por tabela, que indiretamente se tornaram pessoas quase que conhecidas e de personagens que não fizeram parte necessariamente do espaço-tempo do indivíduo (POLLAK, 1992).

Além dos acontecimentos e dos personagens, Pollak (1992) defende a ideia de haver lugares de memória, que seriam lugares vivenciados que ficaram marcados na memória. No que tange os aspectos públicos da memória, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração (POLLAK, 1992). O autor exemplifica mencionando os monumentos aos mortos, pois podem servir de base a uma lembrança de uma época que a pessoa viveu por si própria, ou também vivida por tabela.

Pollak (1992) classifica a memória como seletiva, pois, segundo o autor, nem tudo fica registrado. A memória pode sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela está sendo articulada. Então, pode-se afirmar que a memória é construída, podendo ser essa construção consciente ou inconsciente, “[...], pois o que a memória grava, recalca, exclui, relembra é o resultado de um trabalho de organização” (BATISTA, 2005, p. 29).

Cabe mencionar que, ao falar de memória, naturalmente, leva-se à discussão acerca do esquecimento. Quintella e Silva (2014) a partir dos estudos de Freud sobre memória, afirmam que todo ser humano involuntariamente busca esquivar-se do sofrimento, isto pode ser a razão da tendência humana ao esquecimento, uma vez que, o esquecimento tem como objetivo defender-se de lembranças que, ao virem à tona, possam causar desprazer. Por outro lado, nota-se que, ao mesmo tempo, em que um grupo quer esquecer, outros testemunham acontecimentos e lutam contra o esquecimento, para que a memória se mantenha sempre viva. A partir daí surge a resistência de grupos que, ao invés de recalcar suas memórias, buscam preservá-las e perpetuá-las, para que as futuras gerações saibam dos acontecimentos do passado (BATISTA, 2005). O Memorial da Cabanagem visa esta luta contra o esquecimento para que a memória dos cabanos continue viva.

Outro elemento importante no que diz respeito a memória é a identidade. Pollak (1992, p. 204), afirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva, na medida em que, ela é, também, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si”.

Dentro de uma cultura pode haver mais de uma identidade coexistindo em meio ao povo, por isso, afirma-se que a identidade é os significados e experiências de um povo (SANTOS, 2011). A partir de uma perspectiva antropológica, a identidade cultural é definida como uma espécie de “sentimento de pertencimento” (SANTOS, 2011).

Santos (2011) defende que o próprio conceito de identidade só é possível por causa da alteridade, como condição de que um está ligado ao outro. E que “a construção da identidade cultural deve ser compreendida e analisada, como um processo, uma dinâmica relacional de identidade e diferença (SANTOS, 2011, p.146).

Santos (2011) faz uma análise acerca deste assunto dividindo-os em quatro categorias de tipologia identitária: identidade de legitimação-dominância; identidade de permanência-essência; identidade de mudança-transformação; identidade de resistência-libertação.

A identidade de legitimação-dominância visa expandir e legitimar a dominância de indivíduos sobre outros. Um exemplo citado por Santos (2011) é a identidade nacional, afinal o nacionalismo, neste contexto de construção identitária, tenta padronizar os variados grupos sociais pertencentes a um determinado território, a fim de torná-los um só por meio do “[...] ideal de ‘nação’” (SANTOS, 2011, p. 150).

A identidade de resistência-libertação tem origem nos meios onde há grupos socialmente marginalizados, que vivem em condições de depreciação, exclusão, exploração, como por exemplo, movimentos jovens, negros, indigenistas e feministas (SANTOS, 2011). A afirmação desta identidade significa mais que um sentimento de pertencimento, é um modo de lutar pela libertação de uma condição de dominância socialmente imposta (SANTOS, 2011).

A identidade de permanência-essência é um tipo de identidade que fundamentada no essencialismo. Defende um discurso que a identidade de um povo é baseada na essência, fixa e imutável (SANTOS, 2011). A identidade de mudança-transformação é o posto da anterior, pois é também chamada de não-essencialista. No entanto, é conhecida como histórica, devido ao caráter dinâmico da história. “Por essa perspectiva, as identidades são vistas como social e culturalmente construídas, logo elas são mutáveis e dinâmicas” (SANTOS, 2011, p. 153).

Compreender tais fenômenos identitários não é uma tarefa fácil devido à complexidade do assunto. Sendo assim, essas quatro categorias de análise ajudam a entender os fenômenos e os processos que envolvem a identidade. É importante ressaltar, também, que uma categoria não necessariamente exclui a outra e, inclusive, é possível encontrar duas ou mais categorias que identificam uma mesma cultura (SANTOS, 2011).

Rodrigues (2017) aborda os fatores que implicam no processo de construção identitária. Como o patrimônio cultural que, segundo o autor, materializa e expressa a identidade. A memória coletiva é parte importante desse processo porque, conforme o autor, é base de construção da identidade. Portanto, existe uma relação de interdependência entre memória social, patrimônio cultural e identidade cultural.

TURISMO CULTURAL E MEMORIAL DA CABANAGEM

Dentre as diversas segmentações do Turismo, há o turismo cultural que, de acordo com o Ministério do Turismo (MTur) (2010), é um segmento que tem se destacado em todo o país. Pode-se afirmar que isto se dá devido à variedade de equipamentos turísticos que podem ser usufruídos pelos turistas, a considerar que o Brasil é dotado de uma grande diversidade patrimonial e cultural.

Costa (2009) propõe a construção de um conceito abrangente das motivações que levam o turista até determinado local, a partir de três enfoques: o turismo cultural como visitação a recursos de origem cultural; visões distorcidas de turismo cultural; e turismo cultural como ferramenta de aprendizagem cultural.

O turismo cultural como visitação de recursos de origem cultural baseia-se somente na visitação de atrativos culturais. Este ponto de vista é defendido por Barreto (2006), ao afirmar que o turismo cultural não tem como principal atrativo os recursos naturais, mas bens materiais e imateriais produzidos pelo homem.

Visões distorcidas de turismo cultural é quando a conceituação deste segmento é formulada a partir de uma confusão entre cultura popular e cultura erudita, no qual o turismo cultural só é legítimo se estiver baseado na cultura erudita. Costa (2009) explica que isto se dá devido ao não entendimento do que é patrimônio cultural, e que a partir disso, podem ser constatadas duas linhas de pensamento: uma que aceita somente a “alta cultura” como foco de atenção do turismo cultural, e outra que tende a ligar diretamente o turismo cultural a lugares exóticos.

Turismo Cultural como instrumento de aprendizagem cultural é um tipo de turismo educativo, no qual, o prazer da viagem está ligado ao conhecimento. Ou seja, o turismo cultural não está baseado somente na visitação de atrativos culturais, mas principalmente na experiência do contato direto com outras culturas gerando, assim, um aprendizado (COSTA, 2009).

O turismo cultural pode estabelecer uma relação mútua com uma comunidade, pois ao mesmo tempo em que ele se apropria de elementos resultantes de sua identidade e memória, torna-se um grande aliado no que diz respeito à preservação e valorização dela. Sendo assim, o turismo cultural pode ser entendido como um instrumento para a valorização do patrimônio e da cultura local de modo geral (CASTRO, 2006). Logo, a preservação da memória e identidade, também, são elementos importantes para o desenvolvimento do turismo cultural.

Silberberg (1995 apud Costa 2009) aponta características que determinam o potencial turístico de um patrimônio para o turismo cultural. As características são: a qualidade percebida do recurso, a percepção que o visitante tem dele, a assistência disponível ao visitante, sua sustentabilidade, o grau segundo o qual é percebido pelo público, o suporte e o envolvimento da comunidade, o compromisso e a capacidade administrativa para a gerência do recurso. Para melhor compreensão de tais características, o autor divide os atrativos turísticos em: aptos a atrair turistas, inclinados a atrair turistas e prontos para atrair turistas.

Ao aplicar esta teoria no objeto de estudo deste trabalho, o Memorial da Cabanagem, nota-se que é um bem patrimonial que atende às características contidas no conceito, por ser um monumento que possui um conteúdo histórico significativo para a sociedade paraense. Além disso, possui um significado cultural, no sentido de fazer parte da identidade e memória paraense.

Porém, pelas características apresentadas por Silberberg, o Memorial da Cabanagem seria definido como inclinado a atrair turistas, devido à condição de abandono na qual o espaço se encontra. O turismo cultural seria um excelente meio para a valorização do Memorial da Cabanagem. Pois, a movimentação levaria vida para o local, chamaria atenção para as questões culturais e ajudaria a fomentar o segmento de turismo cultural na cidade. Outro ponto importante é o resgate da memória e da identidade cabana que o turismo ajudaria a valorizar e preservar.

MEMÓRIA E IDENTIDADE CABANA

Ao trazer a discussão para o âmbito da Cabanagem, percebe-se que o movimento cabano constituiu também uma memória e identidade própria. Identidade que foi formada durante esse período e ainda se mantém viva através da memória daqueles que repassam a herança da luta e do não conformismo.

Para utilizar as categorias de tipologias identitárias de Santos (2011), neste contexto, a identidade cabana pode ser inserida como identidade de resistência-libertação, por ter como característica a luta de povos socialmente excluídos que resistem à essa condição.

Ricci (2006) defende a existência dessa memória e identidade cabanas até os dias atuais. A autora afirma que era uma identidade que não estava relacionada somente a etnias ou territórios, mas a ideais em comum. O que fazia com que todas aquelas pessoas se identificassem umas com as outras era, o fato de partilharem da mesma condição de marginalização social. Eram indígenas, negros de origem africana e mestiços que, apesar de, identidades culturais distintas, possuíam uma em comum: a identidade revolucionária (RICCI, 2006).

Mesmo com a retirada dos cabanos da cidade de Belém, o movimento ainda resistiu por muitos anos no interior do estado e nas regiões do médio e alto Amazonas. Esse período de luta nas matas e rios fez com que o movimento passasse por mudanças, a causa ainda era a mesma, tinham as mesmas motivações, mas estava mais maduro. Populações indígenas e quilombolas dos interiores aderiram à luta que estava cada vez mais forte e estratégica.

Não obstante, a guerra continuou sangrenta, a luta constante era o modo de vida dos cabanos, que além da busca pelo fim da escravidão, lutavam contra os infortúnios resultantes do processo, como “a fome, as doenças, as mortes e a instabilidade da guerra” (RICCI, 2006, p.28).

Anos mais tarde, quando a Amazônia vivia seus anos de ouro devido ao ciclo da borracha, houve um grande esforço para que essa identidade revolucionária fosse esquecida. Diversos imigrantes chegavam à Amazônia e com essas misturas foram nascendo novas identidades. No entanto, os esforços para abafar essa identidade revolucionária não foram suficientes, pois a memória cabana resistiu aos tais esforços e ao tempo, e nas adversidades políticas e econômicas, era rememorado o espírito de luta (RICCI, 2006).

Nas décadas de 1980 e 1990, a Cabanagem voltou à capital do estado, primeiramente no governo de Jader Barbalho que se autodenominava um novo líder cabano e contribuiu para a memória do movimento com a criação do Memorial da Cabanagem, além de financiar pesquisas sobre o assunto e “promoveu um concurso de monografias sobre o tema, durante os 150 anos do movimento cabano” (RICCI, 2006, p.29).

Em seguida, o prefeito Edmilson Rodrigues transforma o sambódromo local em Aldeia Cabana e, também, surge um novo bairro com os nomes dos líderes cabanos nas ruas e avenidas. O

prefeito “afirmava que seu governo era mais uma tomada cabana de Belém. [...] E ele seria o sucessor legítimo do governo de Eduardo Angelim” (RICCI, 2006, p.29).

Ricci (2006) atribui esta identidade e memória cabana há povos que atualmente ainda vivem em luta, como os povos indígenas que, até então, têm seus habitats invadidos e suas riquezas usurpadas. E a população afro-brasileira que ainda reivindica seus territórios conquistados pela luta escrava e quilombola. Segundo a autora, estas lutas atuais rememoram aquelas dos tempos da Cabanagem.

Os tempos são outros e as lutas não recebem mais o mesmo nome, contudo, são os mesmos povos que ainda permanecem na mesma situação de exclusão. Situação que os fazem reivindicar direitos básicos e indiscutíveis, mas que não os fazem conformar-se, afinal possuem uma identidade e memória revolucionárias.

Neste sentido, o Memorial da Cabanagem foi edificado para ser um lugar de memória, pois segundo Pollak (1992), existem lugares de apoio da memória, que são lugares de comemoração, com o intuito de servir de base a uma lembrança de uma época em que a pessoa vivenciou ou não. No caso do Memorial da Cabanagem, por ser um monumento criado em comemoração aos 150 anos do movimento cabano, ele tem a função de ser um lugar de memória, de comemoração, que contribui para a preservação da memória cabana para que seja repassada de geração em geração.

OS ATORES SOCIAIS DO MEMORIAL DA CABANAGEM: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa, foram aplicados os formulários com perguntas relacionadas com a faixa etária, grau de escolaridade, ocupação, renda familiar, quanto tempo reside no bairro, se já ouviu falar da Cabanagem e o que sabe sobre o assunto, se conhece o Memorial, em quais condições o conheceu, se o visitaria ou não.

Quanto à faixa etária dos entrevistados, notou-se que a faixa etária acima de 62 anos, correspondente a 11% (72) dos entrevistados, independentemente do grau de escolaridade e renda, sabiam responder sobre a Cabanagem e o Memorial.

Quanto ao grau de escolaridade, percebeu-se que a maioria dos entrevistados, 43% (283) possui somente o ensino médio completo. Em relação ao grau de conhecimento sobre a Cabanagem e o Memorial, notou-se que o grau de escolaridade influenciou nas respostas da faixa etária de 18 a 39 anos. Os entrevistados que possuíam grau de escolaridade avançado foram os que mais sabiam responder sobre a Cabanagem e o Memorial.

A característica de bairro de comércio informal pode ser constatada nesta pesquisa também, na qual 50% (330) da população alegou ser autônoma. Contudo, independente da ocupação alguns souberam responder sobre a Cabanagem e o Memorial, e outros não.

A maioria dos entrevistados, 49% (323) possui renda familiar de 1 a 2 salários mínimos. Notou-se que nem todos os entrevistados que possuíam baixa renda não sabiam responder sobre a Cabanagem e o Memorial, mas todos os que possuíam renda familiar acima de 4 salários mínimos, total de 1% (6) sabiam responder. Portanto, percebe-se que a renda é um fator que está diretamente ligado ao conhecimento, pois aqueles que possuem renda mais elevada, são os que podem investir em educação.

Grande parte da população entrevistada reside no bairro desde o nascimento ou há muitos anos, por isso a maioria, 94%, (620) reside há mais de 11 anos no bairro. Acredita-se que, por isso, grande parte das pessoas soubessem falar sobre o Memorial e os seus problemas, por acompanhar o processo pelo qual ele vem passando desde a sua inauguração.

Quando questionados se já ouviram falar sobre a Cabanagem, apenas 38% (258) dos entrevistados afirmaram que sim, apesar da proximidade com o Memorial. Notou-se que poucos conhecem a história da Cabanagem. Dos 38% que afirmaram já ter ouvido falar sobre a Cabanagem, apenas 22% (56 de 258) souberam responder algo que conheciam sobre o assunto. As respostas mais citadas foram que a Cabanagem havia sido uma luta popular, revolta popular e guerra. Dentre os que responderam o que sabiam sobre a Cabanagem, não houve nenhum posicionamento negativo sobre o movimento.

Quando questionados se conhecem o Memorial da Cabanagem, 82% (542) dos entrevistados responderam que sim. Entretanto, apenas 22% (56 de 258) conhecem a história da Cabanagem, ou seja, o significado Memorial. Apesar de grande parte da população entrevistada conhecer o Memorial, poucos sabem o que ele representa.

Quando perguntados sobre em que condições conheceram o Memorial, 39% (258) dos entrevistados conhecem por transitar frequentemente pelo local, mas nunca o visitaram. E 61% (402) responderam que frequentavam quando havia uma praça e acesso para a população. Os que mencionaram a praça, falaram saudosos do tempo em que tinham o espaço. Nota-se que o espaço era bastante usufruído pelos moradores, porém não havia manutenção por parte do governo e nenhum tipo de segurança, o que fez com que ele fosse aos poucos deixando de ser frequentado.

Os entrevistados que não conhecem o Memorial foram perguntados se o visitariam, 89% (105 de 118) mostraram-se dispostos a conhecer o Memorial, mesmo sem saber do que se tratava e outros alegaram que visitariam assim que o local estivesse em condições para isto. Dos 11% (12 de 118) que não visitariam o local, 50% (6 de 12) alegaram falta de segurança e os outros 50% não têm interesse.

Com este estudo pode-se observar a relação da população que reside no entorno do Memorial da Cabanagem e frequentemente o vê. Apesar de a proximidade física e da aparente proximidade com o patrimônio, constatou-se que, de fato, essa proximidade não existe. Afinal, não conhecem o Memorial da Cabanagem, mas conhecem a praça e sentem falta dela.

A memória e identidade cabana defendida por Ricci (2007), apesar de realmente existir, de ter deixado a herança do espírito de luta, não é percebida. Não existe uma consciência de que isso tudo é proveniente da Cabanagem, pois não conhecem sua própria história.

Ao considerar que este assunto é visto nas aulas de História nas escolas, pode-se atribuir esta “falta de memória” à baixa escolaridade, ao sistema educacional precário. Mas, sob o ponto de vista deste estudo, é possível afirmar que isso se deve ao trabalho de organização da memória. Freud afirma que todo o ser humano involuntariamente busca mecanismos para fugir do sofrimento, daí então, surge o esquecimento, como uma forma de defender-se de lembranças que possam causar desprazer (QUINTELLA; SILVA, 2014).

Por esta falta, no que diz respeito à memória, à identidade cultural ou cabana, no caso, também não é percebida. Pois, segundo Quadros e Fonseca-Silva (2016), a memória é sempre de algo que a pessoa aprendeu ou percebeu. Portanto, não há um sentimento de pertencimento em

relação à Cabanagem. Santos (2011) conceitua identidade como algo resultante dos significados e experiências de um povo. Então, percebe-se que a relação do povo com o Memorial é superficial, uma relação física, não como algo que representa sua própria identidade.

Dentre as perguntas que foram determinantes para compreender a relação da população com o Memorial, foram o grau de escolaridade, renda e o que sabia sobre a Cabanagem. Com isso, percebe-se que a relação estabelecida é de indiferença. Os entrevistados lamentavam a falta de segurança, o espaço de lazer perdido e da ausência de “vida” que o espaço trazia para o bairro com a sua iluminação, mas não lamentavam pelo Memorial em si, pelo seu significado. Apesar de 82% dos entrevistados afirmarem conhecer o Memorial da Cabanagem, mais de 62% não sabem o que foi a Cabanagem, ou seja, desconhecem o seu significado.

Não necessariamente todos aqueles que possuem baixa renda e baixo grau de escolaridade não sabiam responder sobre a Cabanagem ou não visitavam os patrimônios. Mas, todos os que possuem renda e grau de escolaridade elevadas, visitavam os patrimônios da cidade e sabiam responder sobre a Cabanagem. Batista (2005) atribui o interesse por atividades culturais ao nível de escolaridade e renda, pois, inclusive, está relacionado a status social. E pode ser visto com a pesquisa que, realmente, todos os que possuíam nível de escolaridade e renda altos são os que mais têm interesse em atividades culturais.

Em relação ao potencial turístico do Memorial, existem questões como acessibilidade. Atualmente não existe nenhum acesso a ele de forma correta. Para chegar até ao monumento e ao museu é preciso pular a barra de ferro que o cerca e andar pela grama. Outro aspecto, é o abandono do local, sem segurança, iluminação, com muita sujeira e os moradores de rua que habitam no monumento.

Entretanto, há outra questão quando se fala de implementação de projetos turísticos, que é a comunidade local, que não o reconhece como patrimônio, não há identificação com a história da Cabanagem que poderia ser compartilhada com turistas. Precisaria, primeiramente, de conhecimento, tanto no que diz respeito à história, quanto à educação patrimonial.

Para tanto, precisariam de ações de governo para que o Memorial da Cabanagem tivesse a possibilidade de exercer a sua função de memória, contribuindo para a afirmação da identidade do povo e para a cultura de modo geral. Além de contribuir economicamente para a cidade através do turismo.

Conclui-se que não há uma relação de pertencimento dos residentes que convivem com o Memorial da Cabanagem. Eles o veem frequentemente, sofrem com os efeitos do seu abandono e, embora estejam fisicamente próximos do Memorial, estão distantes visto que não se identificam com ele, pois sua representação não tem importância para a memória social da população local.

CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou uma análise e reflexão acerca do Memorial da Cabanagem e a relação dele com a população do entorno envolvendo questões patrimoniais, de identidade, memória e a possibilidade de tornar o espaço apto para o turismo. Visto o quanto turismo pode colaborar para a preservação e conservação do patrimônio.

O objetivo de compreender estes problemas foi alcançado. Foi possível mostrar como se dá esta relação e, até mesmo, o entendimento que a população tem a respeito de

seus patrimônios. Especificamente, em relação ao Memorial da Cabanagem é notório o conhecimento que parte dos entrevistados têm sobre o local e a sua trajetória. Contudo, não o reconhecem como patrimônio e não sabem o seu significado e relevância histórica, não se identificam com sua história, afinal não a conhecem.

Os entrevistados lamentam pelo espaço perdido, pela praça onde podiam transitar em segurança. Tais motivos são relevantes, pois os riscos são grandes devido aos moradores de rua e usuários de drogas que vivem no monumento e circulam aos arredores. Além do mais, a perda do espaço de lazer é algo que se deva lamentar, mas não há lamento pelo Monumento da Cabanagem e nem pelo museu.

Dada a importância do assunto e o quão vasto ele é, abre margem para pesquisas futuras com outros bairros a fim de, quem sabe, comparar se o conhecimento sobre o Memorial da Cabanagem está diretamente ligado às questões físicas ou não. Ou até mesmo, propostas de lazer e turismo para o local.

Obviamente, para que o local saia da condição de marginalização na qual se encontra, que haja aproximação, tanto física, quanto em conhecimento, para que possa se tornar um atrativo que fomente o turismo cultural na cidade, assim como os outros patrimônios, é necessária a ação do governo, com medidas legais de proteção, fiscalização, conservação, preservação e planejamento para o turismo cultural em Belém/PA.

Portanto, propõem-se, primeiramente, medidas de proteção para que o monumento seja tombado e, com isso, ele possa receber manutenções frequentes. Os objetos remanejados poderiam ser devolvidos para o museu-cripta para que ele voltasse a funcionar. E para que ele se mantenha conservado, que haja fiscalização e seguranças para guardar e manter a ordem no local.

Além disso, projetos por parte do governo ou que tivessem o apoio dele, que contribuíssem para a valorização do espaço, não apenas em datas comemorativas, mas durante todo o ano. Como por exemplo, eventos que aproximassem a população do Memorial, de modo que também pudesse levar conhecimento para aqueles que frequentassem o local. Como visto no decorrer deste estudo, a falta de conhecimento sobre o Memorial da Cabanagem afasta a população dele, portanto, ações que priorizassem a informação, contribuiriam para a aproximação da população com o Memorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABANDONADO, Memorial da Cabanagem ganha até sofá. *Diário do Pará Online*, Belém, 16 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-424682-abandonado-memorial-da-cabanagem-ganha-ate-sofa.html>> Acesso em: 04 fev. 2019.

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus, 2000. 96 p.

BATISTA, C. M. Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 5, n. 3, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo Cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

CASTRO, C. Y. A importância da educação patrimonial para o desenvolvimento do turismo cultural. *Partes*, São Paulo, v. 30, 2006.

CARMO, C. S.; FARIA NETO, Alcyr M. O Memorial da Cabanagem como espaço colateral. In: 1º Congresso Internacional: Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. *Anais do 1º Congresso Internacional Espaços públicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 1.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

CHOAY, F. *O patrimônio em questão: antologia para um combate*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

COSTA, F. R. *Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: editora Senac. São Paulo: Edições SESC, 2009.

CORPO de homem é encontrado no Memorial da Cabanagem, em Belém. *G1 Pará*. Belém, 22 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/03/corpo-de-homem-e-encontrado-no-memorial-da-cabanagem-em-belem.html>> Acesso em: 04 fev. 2019.

CUNHA, L. S. *Vozes da Cabanagem: os discursos da literatura e da história na construção de "O Rebelde"*. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2010. Programa de Pós-Graduação em Letras.

DI PAOLO, P. *Cabanagem: A revolução popular da Amazônia*. 1990.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2010*.

MINAYO, Maria C. S. et al (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PINA, M. G. G. Cabanagem: o vulcão da anarquia? *Labirintos (UEFS)*, v. 3, p. 1/7-14, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POULOT, D. A razão patrimonial na Europa. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 34, 2012.

QUADROS, E. M.; FONSECA-SILVA, M. C. A memória e sua plasticidade: uma revisão da noção de memória em Freud. *Memorandum: Memória e História e Psicologia*, n.26, p.66-89, 2014.

QUINTELLA, C. F.; SILVA, P. J C. A memória e sua plasticidade: uma revisão histórica da noção de memória em Freud. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, n.26, p. 66-89, 2014.

RICCI, M. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840, *Tempo [online]*, vol.11, n.22, p. 5-30, 2006.

RODRIGUES. D. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: interconexões entre os conceitos. *Revista Letras Escreve*. v.7, n.4, 2º semestre, p. 337-361, 2017.

SANTOS, C. R. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. *São Paulo Perspec*. v. 15. n. 2. São Paulo, 2001.

SANTOS, L. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. *Rascunhos Culturais*, v. 2, n. 4 p. 141-158, 2011.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, n. 2. 2010.